



**Professor João Batista de O. Sobrinho**

## **I - ENTREVISTA**

### **A OPÇÃO POR MATEMÁTICA**

Eu queria ser um astrônomo. Mas na minha tão pequenina e tão distante cidade restou-me estudar matemática, física, química e biologia. Sou portador da síndrome do autismo, mais precisamente da sua particularidade, síndrome de Asperger. Por esse motivo tenho forte deficiência com a minha comunicação. Por mais que eu escreva uma palavra ou uma frase de maneira correta, no dia seguinte volto a me perder nas regras gramaticais. Autismo é um desenvolvimento atípico onde regiões do cérebro parecem auto dinamizar-se, e, regiões, parecem não se complementarem. A minha mãe dizia que as minhas frases iniciais eram do tipo: “O meu irmão está vindo pegar mim”. Tenho certeza que leio o universo em uma linguagem diferenciada. As interpretações de um autista fizeram os estudiosos entenderem melhor o quanto uma comunicação trata da subjetividade de uma idéia. E a matemática, o que tem a ver com isso? Por que os autistas, quase todos têm um bom relacionamento com os números? Consigo responder que é por se tratar da linguagem mais primitiva, mais intuitiva e mais simples das nossas inter-relações com o próprio universo. A matemática é a naturalidade dos nossos próprios sentidos. No silêncio do meu mundo ela foi sempre as palavras da minha estrada. Não pode! Estudar matemática a partir das suas regras faz nossa vida se tornar ingrata e reversa.

### **A ESCOLA, A VIDA DO ALUNO E O MÉTODO ADEQUADO DE ENSINO**

Nos anos 70, li um livro escrito pelo pedagogo mais importante dos EUA, na época. A sua maior ênfase era sobre o quanto o ambiente de uma sala de aula não condiz com o bem estar de um aluno. Ele fazia comparações sobre o cansativo conforto de uma criança em sala de aula e sobre o seu prazeroso esforço em um jogo de futebol. É a escola distante dos sentidos da própria vida. Isto me chama muita atenção porque, no meu mundo as salas de aulas muito me torturavam. O mundo do autismo é um lugar sem as pessoas e, numa sala de aula, eu restava sem as pessoas e sem o meu próprio lugar. Eu restava sem mais nada. Escrevi um livro, ainda não publicado, formado por 40 textos.

Creio que com ele eu faça entender o quanto a escola é imprópria para pessoas com os meus problemas, por exemplo. Entendo que a própria genética teve o devido cuidado de dar a cada pessoa o seu particular autismo. Não quero jamais esquecer: Entre tantas contradições, foi na escola onde encontrei guarida e complementação para o meu desenvolvimento. Em meio as minhas dificuldades, as professoras e a minha mãe, que também me ensinava as lições, elas se admiravam com a facilidade que eu operava os cálculos matemáticos. Quando eu leio o número como, por exemplo, o número 753, imediatamente, na minha mente eu o decomponho nas unidades de centenas, unidades de dezenas e unidades simples. De imediato, no seu devido sistema decimal, eu passo a visualizá-lo em formas e cores. Uma representação numeral quando compilada assim, em uma apresentação material, mesmo que imaginária, os cálculos matemáticos tornam-se mais compreensivos e muito mais seguros.

Somente quando eu tinha 19 anos de idade, estudando ainda a sétima série do ensino básico, tive a compreensão de que deveria ler e resolver todos os livros didáticos, a partir do primeiro aninho escolar. E assim, passei a me entender com os professores. Antes, tudo foi uma história de reprovações, suspensões e expulsões, apesar da minha característica de calmo. Passei a ser um ótimo e respeitado aluno. É claro que ao assumir a posição de professor, essa minha nova estrada me encaminhou para me tornar um profissional tolerante e compreensivo. Talvez os nossos sofrimentos aqui nesta nossa Terra sejam apenas uma leitura para uma melhor compreensão do que seja o céu.

Um professor tem muito o que contar. Talvez pessoas como eu, que um dia consegui chegar à academia, tenham muito mais o que falar. Será que esses meus alunos, hoje tão importantes Doutores da UFAC, que voltam e procuram este velho aposentado, será que eles precisaram mesmo dos meus recados? Senhores Doutores, quero vos dizer que muito mais ficaram comigo aqueles que, eu e eles, não conseguimos. Eles ainda são meus amigos. Alguns se tornaram alcoólatras e, quando nos encontramos por aí, pelos bairros, pelas beiras dos mercados, ainda conversamos e ainda filosofamos. Peço a vocês que, com muito carinho e cuidado, olhem para os seus alunos chamados de reprovados.

Mesmo que se trate de alguém fracassado, ele ainda é uma pessoa. Quando tudo já nos parece perdido, na verdade, apenas temos o mundo a nos oferecer uma oportunidade sagrada para participarmos da reconstrução da vida. Não existe prova para quem ainda nada sabe. Nunca olhei para um aluno como reprovado. Em cada vez que assim eu fui classificado nunca acreditei que as portas do mundo pudessem ser fechadas.

Infelizmente a metodologia de ensino adotada pela escola fundamenta-se no sucesso ou fracasso das notas das provas. As notas, o retrato da construção erguida pelo próprio sistema, quando feias, são pechadas ao próprio aluno. No Mundo dos passarinhos não existe culpa aos seus filhinhos por eles não chegarem voando aos seus ninhos. Muito menos, os passarinhos inventaram a construção do “diabo” pela culpa dos seus pecados. Quem sabe, talvez tudo nosso tenha ainda a ver com a nossa difícil “competição espermatozóica”. A sobrevivência escolar não tem sido tão diferente. Talvez seja preciso aprender um pouco mais

com o dom materno na sua proteção ímpar para com o que seja apenas um único e tão querido ovo.

Quem sabe, esses meus alunos: Ivan, Ronaldo, Sergio e demais, tenham apenas a me agradecer pelas nossas muitas e muitas conversas e, de principal, eu tenha apenas lhes oportunizado e exigido que eles lessem e resolvessem os livros didáticos.

Esse importante pedagogo ao qual eu me referi anteriormente, assim com também Carl Sagan, o afamado astrônomo do projeto “Cosmos”, fazem, nos seus trabalhos, fortes referências ao pai da imprensa, João Gutenberg, que nos oportunizou o livro ao alcance de todos. Foi a luz em que a humanidade iluminou-se no “RENASCIMENTO”.

Muito mais do que a explosão do Renascimento, hoje estamos no olho do hiperfuracão chamado Internet. Agora, os terráqueos simplesmente integraram-se ao universo. Hoje, cada cérebro é uma janela aberta ao infinito. Tudo nosso tornou-se dados integrados ao cosmos. O paciente passou a conhecer a sua doença melhor do que o seu próprio médico.

Tive a sorte de ser professor da Senadora Marina, do Ex-Governador Arnóbio Marques, do Governador Tião Viana, da Médica Célia Mendes e de muitas outras pessoas queridas da nossa comunidade. Apesar de tudo, muito mais perto do coração da gente, restaram aqueles que se atrapalharam e, com os quais precisamos, por demais, conversar sobre as suas vidas quase sempre tão carentes.

## **A DOCÊNCIA NA UNIVERSIDADE E A POSSIBILIDADE DE ESTUDOS APROFUNDADOS**

Ao concluir a licenciatura em matemática fui contratado pela UFAC como professor, contudo, condicionado a fazer uma especialização em Manaus, dentro de um projeto oferecido pela Universidade Federal do Amazonas, administrado pelos irmãos Tribuzi. Na época, no Estado do Acre, não tínhamos Doutores para a realização de projetos desse porte. Como aluno dos Professores Tribuzi eu tive a oportunidade de obter respostas para muitas das minhas curiosidades.

Me lembro das várias vezes em que o professor Ivan Tribuzi parou a aula para responder perguntas minhas. Me lembro depois de algumas delas ele falou: “Esta eu vou responder regada a Champanhe”. Uma dessas perguntas foi querer saber quais eram os princípios da própria matemática, já que as suas particularidades eram axiomáticas (quando tudo é provado a partir de princípios intuitivos). Gostei muito de tudo que ouvi do Doutor Tribuzi. Ele expôs que a matemática se sustenta sobre três esteios: O probabilístico, o algébrico e o geométrico. Nesse curso tive a oportunidade de entender melhor o quanto a linguagem das funções é uma comunicação para a compreensão do próprio universo. Que, na última série do ensino fundamental, com o estudo das funções, o aluno tem a oportunidade de iniciar a alfabetização da comunicação e que somente com ela é possível entender o nosso modernismo científico.

Infelizmente a própria escola insinua que a matemática seja apenas as quatro operações. Fico preocupado e triste pelos alunos não serem orientados de que, sem o estudo da matemática do ensino médio, seja impossível entender o que seja “um computador” em sua máquina e em sua linguagem. No estudo das funções, junto aos isomorfismos, com a teoria de Galoi é possível a gente ler sobre o nosso universo quântico e entender o quanto somos as mesmas propriedades das demais dimensões. É uma oportunidade para um melhor contato com Deus. É bem natural que a partir daqui um matemático seja chamado de louco.

## **A ESTRUTURA EDUCACIONAL**

Um dia conversando com um velho amigo ele me reclamou sobre o quanto tudo está por aí tão falsificado. Todavia, ele me afirmou que o homem ainda não tinha conseguido corromper uma galinha. Esse amigo me garantiu que um ovo não consegue ser formado sem que nele não esteja presente o mínimo das suas substâncias fundamentais. Um dia, todos nós fomos também um ovo. Para estarmos aqui foi preciso passar por um controle de qualidade. Como professor, fiquei a pensar qual é mesmo a nossa responsabilidade com a qualidade e a integralidade do aluno a partir do jardim de infância até à universidade. A escola é desconexa. Até mesmo o ensino fundamental é formado por um grande abismo entre a quarta e a quinta série. De série para série o conteúdo dos livros didáticos é de excelentíssima qualidade. Todavia, a escola não tem conseguido um bom resultado com a sua aplicabilidade.

## **O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO**

Eu imaginava que a universidade, em si, fosse um centro dinâmico e contagiante da seletividade dos conhecimentos. Tudo que nela encontrei foi um lugar de profundo silêncio. Perguntava-me: Aonde vou conversar com os sábios de ontem e os sábios de hoje? Perguntava: Em qual é a sala na qual estarei bem informado? A biblioteca era algo impróprio, quente, quando não, barulhento, burocrático ou interdito. Digo, sem um pinga de medo: As esquinas dos botecos eram lugares muito mais aconchegantes e muito mais intelectualizados, mesmo para mim que não fumava e nem bebia! Apesar de tudo, peço desculpas à escola porque, mesmo assim, foi com ela que eu tive todas as minhas vitórias. Foi com ela que eu aprendi a ter coragem de falar dos sentimentos da minha alma. Quando se reclama por uma melhora não se merece uma degola.

## **A UNIVERSIDADE HOJE**

Quando cheguei à universidade, tanto como aluno ou como professor, fiquei surpreso o quanto o seu modelo está muito mais para encapsulação do conhecimento do que para a integração com a comunidade.

A palavra universidade, aqui em seu amplo contexto, se tornou bem diferente do seu histórico lugar dos discursos e dos conhecimentos. Ainda bem que o próprio universo é

semântico, enquanto entendemos que “semânticas” sejam as nossas palavras. É assim que o próprio conhecimento iluminou-se nas frestas da internet. As portas dos nossos mosteiros tornaram-se transparentes à luz e ao vento. Os cursos não mais serão provas de medo e sacrifícios. É muito curioso observar que a expansão do ensino que acontece agora no Brasil, tenha sido providência de alguém que não teve oportunidade, mas que, muito mais acreditou na universidade.



### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Eu esperava encontrar, na universidade, um discurso integrado com a sua característica de universalidade. Mas, tudo que vi foi uma distância muito grande para com o próprio homem. Encontrei a escola muito mais distante da realidade. Não se pode esperar que uma escola infantil revolucione a nossa apatia. O ensino é algo atípico. É uma construção que se ergue de cima para baixo. A universidade precisa descer do seu pedestal ao encontro de si mesma, enquanto ela é uma criança e, muito mais ao encontro de si mesma, enquanto, lá muito longe, a universidade não é nem mesmo alfabetizada. Como professor, muitas vezes eu tenho inveja dos engenheiros que são presos quando deixam ruir um prédio que se propuseram a construir.

É uma questão de felicidade esta revista poder quebrar um pouco desse nosso tão ensurdecedor silêncio.